



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.º—PORTO

Comp. e Imp. na Typografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maclei Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez 505 (500 reis)
Semestre 300 (3000 reis)
Um ano 500 (6000 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)

A guerra e o congresso de Ferrol

Se a noticia da prohibição do congresso pró-paz caiu entre o pasmo de alguns e a indignação de muitos, a da expulsão dos congressistas estrangeiros levantou em todos os espiritos livres, em todos os inimigos da guerra, um protesto enérgico e activo.

O governo da presidencia do sr. Dato arrancou por fim a máscara hipócrita do pacifismo, e apresentou perante a opinião pública aquela face hedionda em que se espelham num rictus tigrino os mais ruins desígnios e as mais baixas ambições. Depois de ter declarado, pela boca dos seus marechais políticos e pelos seus órgãos na imprensa, o seu ardente desejo de paz, o governo espanhol não permite—sob o estafado pretexto da ordem pública—que se realice um congresso em que da paz se ia tratar! E dez horas depois de haverem chegado os primeiros congressistas estrangeiros, sem que estes até então tivessem tomado parte em qualquer manifestação ou acto público, manda-os o governo acordar pelos seus esbirros, ás quatro e meia da manhã, e conduzir á fronteira acompanhados de força armadall

Dois argumentos foram apresentados para justificar a inqualificável attitude do governo espanhol. O primeiro diz respeito á manutenção da neutralidade de Espanha. As embaixadas dos países aliados pretendendo que o congresso viria favorecer os interesses da Alemanha, reclamaram a sua prohibição. Por outro lado os representantes da Alemanha e Austria, atribuindo o congresso a maneios dos aliados, fizeram sentir a Dato a inconveniencia da sua realisação. E o governo para se manter neutral resolveu proibir o congresso!

Este peregrino argumento nem ao menos revela habilidade da parte de quem o apresenta. Pois não é verdade que, se reclamam todos os estados em guerra, é precisamente porque o congresso não favorecerá nenhum estado em detrimento de outro?

Não é verdade que, se o congresso fosse favorável aos interesses de qualquer dos grupos de potências em guerra, esse grupo se absteria bem de protestar? Como é então que um acto desta natureza — que não favorece nenhum estado em prejuizo de outro — pode comprometer a neutralidade espanhola?

Mas analisemos o segundo argumento, pelo menos tam interessante como o primeiro. Refere-se, como não podia deixar de ser, á *Ordem pública*.

A Ordem é a guerra. E' o arrasamento de cidades, vilas e aldeias. E' a destruição sistemática das plantações duma região inteira. E' a demolição em poucas horas de monumentos de arte que são a gloria dum povo e o produto da tenacidade de varias gerações. A Ordem é a Morte.

E' o massacre de centenas de milhares, de milhões talvez, de vidas humanas. E' o extermínio inexorável duma geração cheia de esperanças, de aspirações. E' a dor no coração das mães que perdem os filhos queridos. E' o desespero no espirito das mulheres a quem arrancam violentamente os maridos que adoravam. A Ordem é a desocupação, a carestia da vida, a miseria, a fome.

A Ordem é a dor, o desespero, o luto, o ódio impensado, irracional, ao nosso semelhante, o

despertar dos mais ferozes sentimentos. A Ordem é a negação da solidariedade humana. E' a negação da propria Vida. A Ordem é o mal. A Ordem é a Morte. A Ordem é a Guerra.

Se assim é, nós somos inimigos dessa Ordem. Esforçamo-nos por derrubá-la o mais depressa possível. Procuramos criar por toda a parte um ambiente, a tal ponto desfavorável a este estado de coisas, que os governantes se vejam obrigados a terminar a guerra.

Somos então desordeiros, isto é, somos inimigos da guerra, porque somos partidários da paz!

As causas psicologicas da guerra

...Convém dividir as causas psicologicas da guerra actual em varias categorias:

1. Tudo o que se prende com a hereditariedade natural da besta-fera humana e antes de tudo das suas paixões egoistas, quer duma maneira colectiva, quer mais particularmente nos individuos influentes que nos governam. Nesse dominio o orgulho e a paixão de dominar revestem as formas patrioteiras que exaltam o que se chama o patriotismo de «raça» como o pangermanismo, o panslavismo, etc., acompanhado de ideias megalomaniacas de gloria, desforra e vingança que existem em todos os povos.

2. A sugestão geral que contamina as massas e que, por meio da imprensa e suas tendências, excita as paixões até ao mais alto grau, falseando as opiniões num certo sentido. E' inconcebível até que ponto os governos autocráticos, graças á sua censura mais ou menos occulta, podem falsear pela imprensa a opinião dum povo inteiro. Hipnotizam-no, excitando-lhe o patriotismo no sentido que lhes convém. Apesar das provas scientificas claras da inextricável mestiçagem mútua de todas as nossas raças europeias, ainda se acha meio de fazer acreditar a cada nação que ella é muito superior ás suas vizinhas e a excitá-la assim contra ellas. Além disso, as chagas e exaltações deixadas nos individuos pelos sacrifícios morais ou pelo orgulho do passado enquistam-se no subconsciente de cada um, deixando lá «complexus» que lhe excitam as paixões num sentido especial sem que elle o note; demonstra-o a psicanálise (derrota dos franceses em 1870, com a ideia de desforra pela Alsácia-Lorena; pangermanismo orgulhoso nos alemães, como resultado das suas vitórias de então, etc.). A sugestão das massas pela imprensa vendida ou dominada é um dos mais perigosos instrumentos da guerra.

3. As tradições, as prevenções de raça, língua e religião, que são efeitos acumulados pela civilização. Cada nação imagina que o «seu Deus» está com ella e invoca-o para vencer os seus inimigos; vêem-se actualmente repugnantes exemplos disso. O «Deus dos exercitos» continua a viver e até mais do que nunca. Com isso traí a sua origem humana, de modo demasiado claro, infelizmente.

4. Uma das maiores causas da guerra actual são simplesmente os armamentos cada vez mais colossais da besta-fera humana, armamentos que cada nação pretende serem necessários para se defender contra as outras. Mais até: vêem-se homens como Dostoiévsky, Ruskin e outros exaltarem a guerra como fonte de grandes sen-

timentos, de heroísmo, etc., depois escarnecerem a paz geral como podendo aviltar a humanidade! E' fácil provar-lhes o contrario. Uma paz de cem anos não abaixou mais a Suíça do que as guerras perpétuas elevaram a Turquia. Foi, pelo contrario, após numerosas guerras que os suíços se rebaixaram outrora, fazendo-se mercenários.

5. Os chamados interesses nacionais representam um grande papel no desencadeamento da guerra actual. Seria todavia tam simples, por meio do livre-câmbio, chegar pouco a pouco a um acôrdo internacional!

Passemos ás causas aparentes, das quais a imprensa dos beligerantes acusa naturalmente o outro partido de ser o pérfido instigador. Seria verdadeiramente cómico, se tam trágico não fosse, assistir a todo esse tecido mais ou menos inconsciente de mentiras e sofismas hipócritas arremessados de parte a parte, por meio dos quais as massas da Europa são agora suggestionadas em sentido contrario como se delirassem.

Quem começou? Foi a França após 1870 com as suas ideias de desforra, entretanto bem empalmeadas hoje? Foi a Alemanha, sonhando com o dominio do mundo por meio do pangermanismo feudal, desmarcado e arrogante do seu estado-maior e dos seus principes, junto aos seus armamentos formidáveis? Foram os balcánicos com as suas guerras? Foi a Itália com a sua empresa tripolina? Foram as intrigas da Austria, furiosa com as vitórias sérvias e fundando por vingança a Albânia, sob pretexto de a libertar, com a cumplicidade da Itália? Foi a Sérvia, porque alguns sérvios criminosos e exaltados assassinaram Francisco Fernando? Foi a Austria, declarando guerra á Sérvia? Foi a Rússia, cubiçando há muito as provincias eslavas da Austria e mobilizando para não abandonar a Sérvia á sua sorte? Foi a Inglaterra, hi muito ciosa da Alemanha? Quem o pode dizer? Tudo para aí contribuiu; mas sobretudo a opposição entre a Triplice Aliança e o Triplo Entendimento, como preparação evidente para uma guerra futura, guerra de cuje «necessidade» cada partido se tinha cada vez mais suggestionado. Que loucura, para a qual se procuram depois do facto «razões»! Os sofismas são aqui transparentes como cristal.

AUGUSTO FOREL

(professor de psiquiatria na Universidade de Zurio, autor de obras universalmente estimadas).

Congresso da Paz

Convido todos os anarquistas, agrupados ou não, a comparecerem no proximo domingo, 16 do corrente mez, pelas 15 horas (3 da tarde) para tomarem conhecimentos de trabalhos referentes ao Congresso da Paz convocado pelo Ateneu Sindicalista do Ferrol.

Atendendo á grande importancia do assunto a tratar é conveniente que ninguem falte.

O delegado,

Serafim C. Lucena

Não se publicam no presente numero as resoluções do Congresso da Paz em virtude da sua comissão executiva nos ter prometido o envio para breve do relato completo de todas as reuniões lá effectuadas, a algumas das quais os delegados portugueses não puderam assistir.

DATO E O CONGRESSO DE FERROL

Dato, o homem que se encontra na presidencia do ministério espanhol, violento e grosseiramente atrevido, tanto para os nacionais como para os estrangeiros, entendeu no seu bestufo ministerial proibir o congresso internacional de Ferrol e expulsar os delegados de fora de portas, como perturbadores da ordem pública.

O congresso de Ferrol, pela sua importância, pela sua vasta representação, pelos fins a que visava;— de se acordar na melhor maneira de se precipitar o termo da guerra actual e de futuro evitar-se a repetição desse espectáculo horroroso por uma acção enérgica dos trabalhadores, sem distincção de atacados nem atacantes incomodou sensivelmente Dato, excitando-lhe o histerismo, catilnário e de hereditariedade.

Enervante, colérico, compungido, lançou mão do telégrafo e transmitiu as ordens da prohibição, alegando, primeiro, que o congresso operário de Ferrol em nada se parecia com os congressos pacifistas levados a efeito pelas testas coroadas e pelos barões da finança que, enquanto mostram em assembleia as suas melhores peças oratórias, fazendo crer que são muito amantes da humanidade, nos seus países incitam ao armamento constante e emprestam dinheiro ao governo a juros fabulosos; e segundo, porque as juntas preparatórias do congresso nas suas reuniões discutiram o sistema de Angiolillo, isto é, a necessidade de se assassinar os chefes de Estado e os chefes de governo.

Arripiante! O primeiro argumento está conforme, mas o segundo não sei onde o governo espanhol o foi buscar. Foi com certeza mau sonho. Dato, num momento de pesadêlo, viu muitos punhais erguerem-se e julgou-se companheiro de infortunio de Canalejas. Explica-se o facto: o remorso e o medo fazem, sem querer, tornar conhecida a consciencia da cumplicidade criminosa dos governos. Assim, imaginam em cada reunião, em cada palavra, em cada escrito do trabalhador consciencia uma sublevação tesa, justiceira, terrível. E com razão. Mas Dato podia estar descansado. O congresso era publico, as resoluções eram publicas, a discussão era pública. Não havia motivo para receios. Se prevalecesse a ideia do assassinio dos reis e dos chefes de governo, aquela acção individual que influiu bastante na politica europeia, transformando-a muitíssimo, certamente que os revolucionários não se iam reunir publicamente em Ferrol. As suas reuniões, bem como as suas determinações, seriam feitas secretamente. Se houvesse o desejo de se crear *complots*, com ramificações na maioria das capitais europeias, as coisas guiavam-se por outra maneira e podiam estar seguros de que não davamos rumôres de qualquer movimento ás claras. Deviamos ter a máxima cautela em não despertar a atenção do inimigo.

Dato, porém, não entende assim; e depois de muitas e pesadas reflexões, chego a perguntar a mim mesmo se Dato, a final de contas, proibiu o congresso por uma questão de opiniao pessoal. Talvez não concorde em que os trabalhadores se reunam em um congresso internacional de paz assim tanto ás escâncaras; talvez goste que as coisas se façam mais a ocul-

tas, apontando-nos um caminho diverso do que queremos seguir. Porque vistas as coisas por um outro lado, o governo de Espanha é que está a lembrar aos trabalhadores o processo de Angiolillo, a apontar-lhes o caminho das associações secretas, do desforço individual. E outra coisa não se deprende do seu acto brutal, despótico, irritante, malcreado. O seu gesto estúpido e indecente indignou toda a gente sensata. E a afronta dirigida aos trabalhadores, não só espanhóis como aos das outras nacionalidades, merece o seu devido reparo e oportunamente tel-o-há. Tel-o-há com a mesma semceremonia com que atropelou os direitos de reunião, julgando decerto abafar o movimento revolucionario e organizado das forças produtoras.

Quanto á desculpa dada sobre a expulsão dos congressistas portugueses, não é menos interessante que a justificação tola da prohibição do congresso. O governo espanhol, debruçando-se sobre a janela internacional, declarou perentoriamente que os delegados vindos de Portugal eram «perturbadores da ordem pública», pondo-os na fronteira, através de vexames de toda a ordem e de indelicadezas atrevidas, numa viagem incômoda e de muitas horas.

Dato, com a sua infeliz argumentação, mostrou bem os seus rancôres contra os trabalhadores que desejam a liberdade e a paz, a sua pouca educação para com os estrangeiros, o seu pouco tino politico e politicoesco. Dato nem sequer esperou que os congressistas portugueses dessem ensejo ao epíteto de «perturbadores», por qualquer discurso proferido, mais ou menos enérgico, contra o atentado fradesco vibrado na liberdade de reunião e de pensamento que, se fosse num país culto, tinha o dever de ser respeitada. As autoridades espanholas já tinham ordens terminantes para impedir a passagem dos delegados portugueses, conseguindo estes afinal chegar até Ferrol, graças á sua habilidade e a um erro de manobra da policia.

Mas, em que é que os congressistas portugueses, assim como os dos outros países, assistaram tanto Dato? Embora os congressistas lusos reconhecem a necessidade do povo espanhol se ver livre da tirania de Alfonso XIII e expurgado da raça maldita dos padres e fradaldões, eles não iam encarregados da missão de terminar com esse mal politico e religioso. A sua missão era bem diversa, para a qual se demoraram 3 dias, que era quanto durava o congresso internacional da paz. Para se demorarem esses 3 dias, não foi necessário levar bagagem; mas se fosse indispensável levá-la aos esbirros de Dato competia-lhes revistá-la minuciosamente, não fosse o diabo ser tendeiro e no fundo, a um cantinho, irem escondidos os germes da revolução de 5 de outubro que implantaram a república em Lisboa ou a Browning justiceira de Pardiñas que liquidou contas com Canalejas. Revistados, ou antes, tarejados proficientemente os bolsos, já que não levavam malas, dos congressistas, e persistindo o governo espanhol no propósito macabro de não deixar realizar o congresso, porque que se impunha a boa razão de deixar passear os delegados estrangeiros, senão sob o nome de congressistas, pelo menos com o